

GABRIEL, MIGUEL E RAFAEL: OS ARCANJOS ENTRE AS DEVOÇÕES JESUÍTICAS NOS SETE POVOS

MARCIA BONNET *

A devoção aos anjos é anterior ao Cristianismo, passando diferentes sistemas de crença, como o islamismo, o judaísmo e o cristianismo. Já o culto aos arcanjos parece ser mais imitado e controverso: as escassas referências a estes seres no Antigo Testamento, por exemplo, têm dado margem a diferentes interpretações acerca da sua existência e identidade.

Segundo Réau, além de especializados os anjos se organizam também em hierarquias, cuja divisão variou através dos tempos. São Paulo, por exemplo, os dividia em cinco hierarquias angélicas¹. Já o autor de um conjunto de textos chamado *Corpus Arcanagiticum* os dividiu em nove². Tal doutrina foi consagrada por São Tomás de Aquino e pelo Papa Gregório Magno, introdutor da obra de Pseudo-Dionísio no ocidente, sendo a Virgem do Loreto considerada a Rainha das Nove Hierarquias Angélicas³. Tal divisão seria composta da seguinte maneira: na primeira ordem estar os serafins, querubins e trônsos; na segunda, estarão dominações, virtudes e potestades; na terceira, estarão principados, arcanjos e anjos⁴.

Na Igreja Católica Romana, são associadas aos arcanjos não só a função de mensageiros – atribuída aos anjos em geral – mas também a de combatentes nos exércitos celestes. Sete dos arcanjos são nomeados, embora os nomes possam variar de acordo com a fonte. Segundo o livro I de Enoque, eles seriam Miguel, Gabriel, Rafael, Uriel, Raguel, Zeraquiel e Ramiel⁵. Autores posteriores, como Pseudo-Dionísio e o Papa Gregório Magno mudam o nome dos três últimos, enquanto os quatro primeiros se conservam em todas as versões. Como o Livro de Enoque foi considerado apócrifo, a Igreja Ocidental decidiu, no Concílio de Laão (746), limitar o culto dos arcanjos a Miguel, Gabriel e Rafael⁶. Sobre estes três últimos, localizarei esta comunicação.

Embora os arcanjos em geral sejam encarregados de lutar contra o demônio, na Idade Média lhes foram atribuídos títulos e funções específicas:

Miguel – anjo-vitorioso ou conquistador, chefe das Milícias Celestes, que combateu o Dragão (*Michael Victorios, princeps militie celestis, pugnat cum dracone*)

Gabriel – anjo-mensageiro enviado a Maria (*Gabriel nuntius, ad Mariam missus*)

Rafael – anjo-médico que curou os olhos de Tobit (*Raphael medicus, qui Tobiae oculos sanavit*)

Na iconografia cristã os três arcanjos aparecem representações tanto em grupo quanto separadamente e as desenvolveram devoções bastante específicas relacionadas a cada um deles, individualizando-os no culto católico. Dos três, São Miguel é de longe o mais conhecido e o que reúne mais devotos e patronatos. Seu culto parece ter começado no Oriente e de lá se expandiu para a Europa e, posteriormente, para as Américas. No Apocalipse é citado nominalmente como o anjo guerreiro que vence Satanás (APOC. 12), e a partir da Idade Média passou a ser identificado como o passador de almas do Juízo Final, daí a adição da balança aos seu conjunto de atributos⁷. É representado geralmente trajando armadura ou vestes identificáveis como de soldado, empunhando alguns dos seguintes atributos: lança, espada, escudo, bandeira onde se lê *quis ut deus* (aquele



Francesco Botticini, Os Três Arcanjos com Tobias
c. 1470, Tempera si madeira, 135 x 154 cm
Galleria degli Uffizi, Florença

* Professora Doutora em História e Teoria da Arte
LEPAC/UFRRGS
marcia.bonnet@ufrgs.br



Abraham Ortelius, São Miguel lutando contra o dragão
c. 1486-8. xilogravura



Hieronymus Wierix, Anunciação, 1593



Ascensão Christ in Coelum, 1603

que é como Deus) e a já criada balança, que por vezes apresenta em seus pratos as alminhas que estariam sendo pesadas⁸.

São Gabriel parece ser o segundo mais representado dentre os três. Identificado como o anjo da Anunciação, aquele que vem trazer a Maria a notícia do nascimento de Cristo e também o que leva a Zacarias a notícia do nascimento de São João Batista. Pode ser representado portando a flor-de-iz, símbolo da Anunciação e da Virgem, e cabe lembrar que embora sua representação seja mais facilmente associada a este episódio da vida da Virgem, por vezes o arcanjo é representado individualmente ou em companhia de outros arcanjos.

Réau nos lembra que enquanto coube ao arcanjo Gabriel revelar a boa nova à Maria, coube ao arcanjo Miguel a missão menos prazerosa de anunciar à Virgem sua morte próxima. Ainda segundo o mesmo autor, de acordo com a tradição Muçulmana foi Gabriel quem revelou a Maomé sua missão e ainda lhe teria citado o Alcorão⁹.

O arcanjo Rafael é frequentemente associado à história bíblica contada no livro de Tobias do Antigo Testamento e às funções que desempenha de anjo-guardião e anjo-médico. Sua devoção se desenvolveu mais enfatizando sua função de anjo da guarda. É geralmente representado em companhia de Tobias com seu peixe ou como anjo da guarda de alguma criança.

No início da era moderna tornou-se bastante popular a crença de que um anjo acompanharia e protegeria constantemente cada indivíduo – anjo custódio¹⁰. Talvez por este motivo, a Companhia de Jesus, que desde sua fundação conferiu bastante importância a uma expressão mais individual da experiência espiritual, parece ter colocado grande ênfase no culto dos anjos e arcanjos. Entre as quase quinhentas imagens remanescentes das reduções jesuíticas da Banda Oriental, já catalogadas pelo ipnam, um total de cinquenta, ou seja, cerca de dez por cento do conjunto representam anjos e arcanjos. Ao todo pode-se encontrar sete querubins, vinte e três

⁸ RÉAU, Louis. *Antique Testament in Iconography del Arte Cristiano*, Iconografia de la Bíblia. Tomo 1/Volumen 1. Barcelona: Serbel, 1989, p. 63.

⁹ Este conjunto de textos, da que faz parte De Coelesti Hierarchia era atribuído a Dionísio o Areopagita, que viveu no século I. Posteriormente se chegou à conclusão de que o texto não poderia ter sido escrito antes do século V e, portanto, não poderia ser de sua autoria. O autor da obra é, portanto, desconhecido, sendo frequentemente referido como Pseudo-Dionísio.

¹⁰ RÉAU, Louis. *Antique Testament in Iconography del Arte Cristiano*, Iconografia de la Bíblia. Tomo 1/Volumen 1. Barcelona: Serbel, 1989, p. 63.

¹¹ Idem.

¹² Acrescenta-se que o livro dele do século I a.C. Uma tradução do livro para a língua inglesa pode ser encontrada online: The Book of Enoch, traduzido por R. H. Charles. Disponível em <http://www.sacred-texts.com/bible/index.htm>, acessado em 05.05.2007.

¹³ RÉAU, Louis. *Antique Testament in Iconography del Arte Cristiano*, Iconografia de la Bíblia. Tomo 1/Volumen 1. Barcelona: Serbel, 1989, p. 69-7.

¹⁴ CAMPOS, Adalgio Arantes. São Miguel, os anjos do purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna. In: *Memorandum*, 7, Belo Horizonte, 2004, p. 102.

¹⁵ Sobre o culto dos "almirantes" ver CAMPOS, A. A. Op. cit. p. _____. A veneração às almas do purgatório: um contraponto entre Portugal e Colômbia. In: ECHUMIN, Paula (Org.). *Barrabás e modernos: novos caminhos em a investigação do barroco iberoamericano*. Frankfurt/Vienna: Narr: Barrocoamericana, 1998.

anjos sem identificação específica e vinte arcanjos identificados. Neste último grupo, encontramos três imagens identificadas como representações do arcanjo Gabriel e três como sendo do arcanjo Rafael. Já entre as dedicadas ao arcanjo Miguel encontramos um total de quatorze imagens. Como a maior parte dessas imagens encontra-se atualmente privada de seus atributos originais e muitas vezes de partes importantes para uma identificação segura, como braços, mãos e pés, é possível que algumas das imagens de anjos não especificadas representassem originalmente os arcanjos, principalmente no caso das imagens dedicadas a São Rafael e a São Gabriel cuja identificação é bem menos óbvia do que as representações de São Miguel. De qualquer maneira, o número de representações já identificadas dos arcanjos é bastante expressivo.

Há ainda alguns fatores importantes a serem considerados nessa tendência. Afinal, depois do Concílio de Trento, Miguel – como chefe das Milícias Celestiais que derrotou Lúcifer e os anjos rebeldes – passou a simbolizar o triunfo da Igreja Católica sobre a heresia protestante; Gabriel foi o anjo anunciador do nascimento de Jesus e Rafael, como anjo da guarda, certamente teve sua devoção favorecida entre os jesuítas devido ao propósito da ordem de educar os jovens¹¹.

Há que se considerar também que a Companhia de Jesus teve desde a sua fundação uma tendência ao militarismo, presente desde os origens militares de Inácio de Loyola, fundador da ordem, até sua autoproclamação como soldados de Cristo. Sabemos também que em várias culturas indígenas, os guerreiros eram vistos com admiração. Levando-se em conta a identificação dos arcanjos como combatentes celestes, talvez daí advinha também a aparente valorização ao culto dos arcanjos pelos jesuítas na Província do Paraguai.

A identificação dessas imagens, entretanto, nem sempre é segura. Algumas das imagens atualmente identificadas como representações de São Miguel Arcanjo, por exemplo, parecem ser as de atribuição mais confiável. Como a maior parte das imagens se encontra atualmente desprovida de atributos e, muitas vezes, até mesmo de mãos e pés, a identificação exige que se recorra a estratégias alternativas: em alguns casos a identificação da fonte iconográfica utilizada para a fatura da imagem confirma sua invocação. Esse é o caso de uma imagem do Arcanjo Miguel, bastante mutilada, atualmente exposta no Museu das Missões em São Miguel, RS. Foi possível localizar uma gravura de Dürer, de uma série dedicada ao Apocalipse, em que o Arcanjo é representado lutando contra Satanás em posição bastante semelhante à imagem do Museu das Missões. Esta última apresenta indícios de provável inserção de asas entre as escápulas. A semelhança é considerável, o que nos leva a crer na possibilidade de que integrasse um grupo de imagens que reproduzisse em três dimensões a cena representada na gravura de Dürer – há indícios de que se produziu nas reduções grupos de imagens representando cenas específicas como a Anunciação e a Natividade.

Outra fonte iconográfica já identificada é a obra *Evangelicae historiae imagines*, do jesuíta Jerônimo Nadal, publicada em 1693 como um auxílio aos exercícios espirituais propostos por Inácio de Loyola¹². A obra de Nadal reúne 153 gravuras de autoria dos irmãos Wierix – Anton (1590-1633), Hieronymus (1553-1619) e Johannes (1549-?) – e Adrian e Hans Coljaert (c. 1545-1628), pai e filho, gravadores ativos na Antuérpia entre a segunda metade do século XVI e início do XVII. Não é difícil perceber as vantagens que os padres poderiam ver na utilização de tão poderoso instrumento na catequese jesuítica. Gavin Alexander Bailey encontrou indícios incontestáveis da utilização da obra de Nadal como fonte iconográfica em reduções jesuíticas na China¹³. No caso das reduções jesuíticas da Banda Oriental, tal influência pode ser identificada sobretudo nos traços. Anjos e arcanjos, por exemplo, usam túnicas mais curtas (acima do joelho) sobrepostas a túnicas longas, presas na cintura e com as mangas dobradas e franzidas acima do cotovelo. Observa-se também uma ou duas aberturas laterais acima do joelho em uma das túnicas, que são representadas com um tipo de botão para fechamento. Em alguns casos, na iconografia missoneira a túnica de baixo parece ter ficado mais curta, mas a abertura lateral aparece em um grande número de imagens, sobretudo



São Miguel, madeira policromada, 85 cm
Museu das Missões, São Miguel, RS

¹¹ RÉAU, Louis. *Antique Testament ou iconographie des arts chrétiens*. Iconographie de la bible. Tome 1 (Néol. 1). Barcelona: Sertel, 1999, p. 78.

¹² MURRAY, Linda & Peter. *The Oxford Companion to Christian Art and Architecture*. Oxford: Oxford University Press, 1986, p. 18.

¹³ RÉAU, Louis. *Antique Testament ou iconographie des arts chrétiens*. Iconographie de la bible. Tome 1 (Néol. 1). Barcelona: Sertel, 1999, p. 78.

¹⁴ NADAL, Hieronymus. *Evangelicae historiae imagines et ordine evangelorum, quae toto anno in missae sacrificio celebrantur, in ordinem temporis vitae Christi digestae*. Antuérpia: 1595. Versão utilizada uma edição facsimilada da obra NADAL, Jerônimo. *The illustrated spiritual exercises*. Bressler: Bressler Press, 2002.

¹⁵ BAILEY, Gavin Alexander. *Art on the Jesuit mission in Asia and Latin America, 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.



São Gabriel, 67cm. Museu de Mistões, RS

* BATISTA, Jean. Notas introdutórias aos desenhos indígenas desenhados para o Museu de São Miguel das Missões, in: PESSENTI, Sandra (org.), *Anais do Seminário Fronteiras do Brasil, Porto Alegre: IPHAN/FRGS, 2007, no prelo.* * MONTIARO, John. Os Guarani e o Brasil meridional – séculos XVI e XVII, in: CUNHA, Mercedes Camargo da. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 488.

* CARLÖT, J. E. *A dictionary of symbols*. London: Routledge, 1971, p. 207-8.

nas representações de arcanjos.

A despeito das semelhanças nos traços e posicionamento dos corpos, há, entretanto, uma diferença bastante marcada entre estas possíveis fontes iconográficas e os arcanjos missionários: o semblante. Enquanto os arcanjos de Dürer e do livro de Nadal são extremamente sérios e sisudos, os arcanjos missioneiros trazem semblantes tranquilos e, por vezes, até alegres e sorridentes. Este seria possivelmente um sinal de que os indígenas reduzidos interpretavam a função dos arcanjos de maneira diferente da europeia. Outros indícios apontam nesta direção. Jean Batista, estudioso da cultura reducional da Banda Oriental, observou a representação recorrente de anjos e arcanjos com saias e mantos vermelhos e sua relação com os mantos de penas vermelhas utilizadas em rituais xamânicos indígenas. Segundo Batista, as plumas vermelhas eram retiradas de aves migratórias (Guarás) e que hoje recebem o nome de *marangatu*. O termo *marangatu* foi usado pelos jesuítas no contexto reducional para designar anjos e arcanjos significando: "espírito bem-aventurado". Logo, o termo passou a se estender a outras devoções. Mas para os Guarani, que queriam designar com as aves todas as criaturas aladas, o termo parece ter significado algo como "espírito de xamã desencarnado". Assim, São Miguel Marangatu, como o arcanjo é referido nos textos catequéticos, na visão indígena passaria a ser mais que um mensageiro e um combatente, converte-se possivelmente em um feiticeiro ou *azmã*¹⁴. John Monteiro ressalta também a aproximação de atribuições xamânicas como uma estratégia consciente dos jesuítas com o objetivo de conquistar a confiança dos indígenas¹⁵. Curioso encontramos o Arcanjo Miguel representado como um xamã, se articulamos tal interpretação com sua associação com o Hermes Psicopompo da mitologia clássica: o mensageiro dos céus, o intérprete, o mediador, aquele que circula nas várias esferas espirituais e que conduz as almas dos mortos para o mundo subterrâneo¹⁶.

Algumas representações trazem outros elementos que poderiam lançar questionamentos acerca da interpretação e da compreensão de que os indígenas representavam. Como exemplo, poder-se-ia citar as imagens de São Miguel onde se vê o abdômen de musculatura definida. Sabemos que os antigos usavam armaduras que mimetizavam a musculatura abdominal e torácica. Mas um indígena, ao representar um abdômen ou um tórax de musculatura definida em uma imagem vestida, entenderia estar representando uma armadura ou imaginaria estar representando uma parte do corpo exposta? Algumas das gravuras do livro de Nadal mostram exemplos onde o ato de demonstrar conhecimentos anatómicos à moda do *manierismo* levou à representação de personagens vestidos com trajes colantes que, a um primeiro olhar, parecem estar despidos. A apreciação dessas imagens devia ser confusa para o indígena, e os trajes podiam ser facilmente interpretados como pintura corporal ou tatuagem.

Todas estas questões me induzem a buscar novas perspectivas de interpretação para a arte produzida nas reduções jesuítas da Banda Oriental. É preciso, sobretudo, que se identifique a influência europeia e se procure perceber sua apreensão pelo indígena reduzido. Avançando um pouco mais, faz-se necessário perceber as significações criadas pelos indígenas a partir dos estímulos visuais e catequéticos utilizados pelos padres. Para tal, é preciso que se conheça melhor as culturas indígenas que participaram daquele processo. A análise da Imaginária oriunda dos Sete Povos tem demonstrado que as obras produzidas nas reduções não constituem apenas uma combinação de modelos e culturas visuais, como uma nova versão de algo preexistente. O que se produziu nas reduções da Banda Oriental foi algo novo, que precisa ser reconhecido e analisado como tal para que se possa começar a vislumbrar seus códigos de significação.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, Gavin Alexander. *Art on the jesuit missions in Asia and Latin America, 1542-1773*. Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- BATISTA, Jean. Notas introdutórias aos dossiês históricos desenvolvidos para o Museu de São Miguel das Missões/IPHAN. In: PESAVENTO, Sandra (Org.). *Anais do Seminário Fronteiras do Brasil*. Porto Alegre: IPHAN-UFRGS, 2007, no prelo.
- BONNET, Marcia C. L. Entre imagens e palavras ou quando a análise iconográfica se opõe às abordagens historiográficas: o caso da imaginária jesuítica-Guarani da Banda Oriental. In: *Anais do II Simpósio Nacional de História Cultural – mundos da imagem: do texto ao visual*. Florianópolis: UFSC, 2006. Publicação em CD-ROM.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. A veneração às almas do purgatório: um contraponto entre Portugal e a Colônia. In: SCHUMM, Petra (Org.). *Barrocos y modernos nuevos caminos en la investigación del barroco iberoamericano*. Frankfurt: Varvuerl, Madrid: Iberoamericana, 1996.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. São Miguel, as almas do purgatório e as balanças: iconografia e veneração na Época Moderna. In: *Memorandum*, 7, Belo Horizonte, 2004, p. 102-20.
- CIRLOT, J. E. *A dictionary of symbols*. London: Routledge, 1971.
- MONTEIRO, John. Os Guarani e o Brasil meridional – séculos XVI e XVII. In: CUNHA, Manoela Camero da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.
- NADAL, Hieronymus. *Evangelicae historiae imagines: ex ordine euangeliorum, quae toto anno in missae sacrificio recitantur, in ordinem temporis vitae Christi digestae*. Antuérpia: 1583. Verho utilizando uma edição facsimilada da obra: NADAL, Jerome. *The illustrated spiritual exercises*. Scranton: Scranton Press, 2002.
- MURRAY, Linda & Peter. *The Oxford companion to christian art and architecture*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- REAU, Louis. *Antiguo Testamento*. In: *iconografía del arte cristiano, iconografía de la biblia*. Tomo 1/Volumen 1. Barcelona: Serbel, 1969.
- The Book of Enoch*, traduzido por R. H. Charles. Disponível em <http://www.sacred-texts.com/bib/boe/index.htm>, consultado em 05.05.2007.



São Miguel 67,5 cm, Museu de Missões, RS